

Da maldição do mestiço: relações raciais em *Luz em agosto*, de William Faulkner

*Sander Cruz Castelo**

Resumo

Neste artigo, reflete-se sobre as relações raciais transfiguradas em narrativa no romance *Luz em agosto* (1932), de William Faulkner. Entrecruzando, de forma interdisciplinar, Literatura, Antropologia cultural e História, busca-se singularizar essas relações tais como vivenciadas nos Estados Unidos, de modo a desnaturalizá-las, patentecendo a possibilidade de experiências outras.

Palavras-chave: Relações raciais. Escravidão. Mestiçagem. literatura estadunidense. História dos EUA.

Introdução

Em 1932, William Faulkner publicou *Luz em Agosto* (s.d). O romance era o primeiro do autor em que a questão racial se afigurava com substancialidade no enredo. Sabe-se do trauma que a derrota na guerra civil gerara no sul estadunidense, desmontando a base produtiva da região, assentada no trabalho escravo e na plantation de exportação (primeiro de tabaco, depois de algodão, que alimentava a indústria têxtil inglesa). Daí em diante, o Old South enfrentou um dilema que o situou entre a modernização imposta pelo norte vencedor¹ – mediante a política de “Reconstrução” (1867-1877), em tudo oposta ao aristocratismo que distinguia o primeiro – e a decrepitude.

Com o fracasso da Reconstrução, particularmente com a restrição à 14^a emenda (ratificada em 1868, garantia aos negros os mesmos direitos civis dos brancos) e a anulação da 15^a (aprovada em 1870, que assegurava direitos políticos aos negros), as estruturas arcaicas do sul ganharam sobrevida.² As relações paternalistas, todavia, haviam sofrido duro golpe, radicalizando-se as ações de ambos os lados. Enquanto os brancos se reuniam em grupos paramilitares, como os Cavaleiros da Camélia Branca e a Ku Klux Klan, responsáveis por linchamentos e mortes, os negros se segregavam.³ Somente na década de 1960 do século XX, com o movimento pelos direitos civis, capitaneado por Martin Luther King (que apregoava a desobediência civil em detrimento da ação violenta, como o seu inspirador, Gandhi), os negros recuperaram a isonomia jurídica com os brancos. A luta pela abolição das leis segregacionistas – as Jim Crown laws, instituídas a partir de 1876, que, legalizando a sentença “separados, mas iguais”, proibiam o negro de deter cargo público, compor júri, portar arma, concorrer em emprego com branco e frequentar determinados espaços públicos (JUNQUEIRA, 2001, p. 89-90) – finalmente alcançada pelo Civil Rights Act, em 1964, provocara tamanho desgaste e reação no sul, que não exagera quem diz que custou a vida

de Kennedy, um dos seus grandes promotores, assassinado um ano antes, em Dallas, Texas. Em 1965, aprova-se o Voting Rights Act.⁴

O problema, todavia, não era meramente legal. Para Semprini:

O aumento da base social do país, imposto às vezes de modo forçado, não foi endossado por todos, principalmente nos Estados do Sul. A cultura racista e segregacionista, com vários séculos de existência e profundamente enraizada em uma parte da população, não quis aceitar uma mudança tão importante e tão rápida. A mudança aconteceu em meio a incompreensões e muita superficialidade. Uma transformação social nunca é estritamente mecânica e quantitativa. Ela implica uma profunda reestruturação dos equilíbrios e posições, das identidades e das representações. A integração real não segue automaticamente a integração formal ou legal. A mudança que afeta a parte integrada repercute inevitavelmente sobre a parte integrante. A expansão da sociedade americana, resultado do movimento pelos direitos civis, foi assim julgada demasiado rápida e forçada por alguns, ou muito formal e incompleta por outros. Em lugar de desaparecer, certos aspectos dessa oposição tenderão a se radicalizar progressivamente. (1999, p. 93).

Nessa região em mutação e permanente tensão, onde a herança escravagista se debatia com a nova ordem competitiva que se procurava instaurar, não se concebia o mestiço.⁵ Era figura excomungada, pois uma sociedade estamental em crise, que vê as posições sociais ameaçadas, não pode admitir aquele que as embaralha.⁶ Menos ainda se existem leis que discriminam, detalhadamente, a quantidade de “sangue negro” necessária para alguém perder o status de branco,⁷ acrescidas de um fundamentalismo protestante⁸ que demoniza o negro (“descendente de Cam”) e da crença de que este é incapaz para o exercício de direitos (daí a tutela). Nesse sentido, Joe Christmas, o protagonista filho de pai provavelmente negro e mãe branca de Luz em agosto, parece condenado, em consequência da quebra do tabu da mestiçagem, a vagar pelo mundo trazendo o infortúnio às costas.

Anos antes, sua mãe, Milly Hine, havia se envolvido com um dos homens do circo que estacionara por acidente em Arkansas, onde residia com os pais. Somando apenas 18 anos, engravidara,

provocando a fúria do pai, Eupheus Hines, um serralheiro calvinista. Uma noite, este sai desorientado de casa em busca da filha, armado com uma pistola e montado num cavalo. Encontra-a com o amante numa pequena carruagem. Mata-o e carrega a cria para casa. Não se convencera de que o homem era mexicano, como alegava a filha. Esta, impedida pelo pai de ser assistida por médico durante o parto, morre. Eupheus, justificando à mulher o abandono da filha a sua própria sorte, diz: “Que o diabo apanhe sua colheita. Foi ele quem a semeou” (FAULKNER, s.d., p. 266).

Depois de algum tempo, o avô some com a criança, negando-se, quando retorna, a revelar para a esposa o paradeiro do neto. Havia-o deixado à porta de um orfanato em Memphis, no Tennessee, numa noite de natal (daí o segundo nome da criança). Curiosamente, emprega-se no local como porteiro, visando a observar o neto. Acredita-se portador de um mandato divino, que o obriga a esperar pacientemente a manifestação do mal, “já que o mal não podia produzir mais do que o mal” (FAULKNER, s.d., p. 270). Tinha que reparar uma injúria feita aos céus. Um dia enceta diálogo surreal com o garoto:

Christmas não brincava com os outros. Conservava-se à parte, muito quietinho. E o velho Doc Hines, o qual estava escutando a advertência oculta da palavra de Deus, lhe perguntou: ‘Por que você não brinca com os outros meninos, como costumava?’ Christmas não disse nada. E o velho Doc Hines lhe disse: ‘Julga que é negro porque Deus marcou seu rosto?’ E ele perguntou: ‘Deus também é negro?’ E o velho Doc Hines respondeu: ‘Deus é o Senhor das hostes coléricas e sua vontade será feita. Não a minha, nem a sua, por-que você e eu somos ambos uma parte do seu propósito e da sua vingança’. Afastou-se, e o velho Doc Hines o observou enquanto ouvia e escutava o desejo de vingança do Senhor, até que descobriu que ele começava a vigiar o negro que trabalhava no pátio, seguindo-o enquanto trabalhava. Finalmente o negro lhe perguntou uma vez: ‘Por que olha para mim, pequeno?’ E ele respondeu: ‘Por que você é negro?’ E o negro lhe pergunta: ‘Quem lhe disse que sou negro, pequeno bastardo, es-cória de branco?’ Ele respondeu: ‘Eu não sou negro’. E o negro lhe diz: ‘É pior do que negro. Não sabe o que é. E, ainda mais, nunca o saberá. Viverá, morrerá e não

saberá nunca'. E Christ-mas lhe disse: 'Deus não é negro'. E o negro respondeu: 'Vo-cê devia saber o que é Deus, porque ninguém mais do que Deus sabe o que você é'. (p. 269-70).

À dietista que é surpreendida pelo garoto no quarto com o amante, um assistente do médico da instituição, e que quer denunciar a negrura de Christmas à diretora, para calá-lo – já que a revelação da “impureza” levaria, inevitavelmente, à transferência do garoto para um “orfanato de negros” – Eupheus diz:

Sei [...] Conheço o mal. Não fui eu que fiz o mal erguer-se e andar por este mundo de Deus? [...] Eu nunca lhes [as outras crianças] disse que o chamassem por sua verdadeira natureza, pelo nome de sua condenação. [...] Apenas esperei que Deus julgasse chegado o momento de fazer Ele próprio essa revelação ao seu mundo de vivos.

[...]

Espere como eu esperei [...] A senhora vem sentindo há três dias o peso do remorso, o peso da mão de Deus. Eu vivi durante cinco anos sob o seu peso, esperando que Deus julgasse chegado o momento oportuno, porque o meu pecado é maior do que o seu (p. 93-4).

Bhabha auxilia a entender esse fanatismo de Eupheus. Referindo-se ao contexto colonial argelino, assinala que a ordenação “Vire branco ou desapareça” ensejava a “ambivalência da identificação paranóica”, oscilante “entre fantasias de magalomania e perseguição” (BHABHA, 1998, p. 99, p. 75). Fanon, antes dele, também tomando como objeto a Argélia colonial, nominava essa reação de “delírio maniqueísta”.

Antes que a denúncia se efetive, o avô aproveita o acobertamento da noite para fugir com o neto. Três dias depois, são alcançados pela polícia. O garoto é levado de volta para o orfanato, mas por pouco tempo. É entregue à adoção para um casal, os McEachern, após o pretendente a pai ver frustrada a insistência em averiguar a procedência de Christmas com a impaciente diretora. Conduzido para o campo, o jovem é submetido por Simon, o pai prebisteriano, à rotina estafante de trabalho e reza, entremeados com

surras de correia, já que, como o pai adotivo lhe diz: “Quero que aprenda sem demora que as duas maiores abominações são a preguiça e o pensamento ocioso, e as duas grandes virtudes são o trabalho e o temor de Deus” (p. 105).

Surpreendentemente, o garoto recusa a proteção e o amor da desajeitada mãe adotiva, oprimida entre a crueldade e sadismo do marido e os sofrimentos do filho:

O que ele detestava não era o trabalho duro, nem a injustiça, nem o castigo. Estava acostumado a isso, antes de o ter visto. Não esperava menos e não podia sentir-se ofendido nem surpreso. Era a mulher, a branda doçura de que se julgava vítima para sempre e que odiava mais que a dura e inflexível justiça dos homens.

[...]’Ela quer fazer-me chorar. Queria fazer-me chorar. Depois creê que hão de me conservar aqui’ (p. 121).

A carência de autocomplacência e amor-próprio sugerem o reconhecimento da personagem de que de fato é criatura amaldiçoada. Já adolescente, ao negar que se desfizera da vaca que possuía para adquirir um terno novo, ouve do pai palavras que reafirmam as profecias do avô: “Você já mostrou todos pecados de que é capaz: ociosidade, ingratidão, irreverência e blasfêmia. Agora apanho-o em dois outros: mentira e luxúria” (p. 118). A única forma de retribuição que podia imaginar pelos cuidados da mãe era confidenciar-lhe a própria abjeção: “Ouça. Diz ele que criou um blasfemo e um ingrato. Mas eu tenho coragem de dizer-lhe o que foi que ele criou: alimentou um negro, sob o seu próprio teto, com a sua comida, à sua própria mesa” (p. 121).

Christmas parece sofrer de “identidade negativa”, comum em contextos de fricção interétnica:

A permanência contínua em situações de discriminação desperta desde cedo nas crianças uma consciência negativa de si ou, em termos de Erikson, uma ‘identidade negativa’ que se prolongará na juventude e maturidade, raramente transformável numa identidade positiva capaz de auxiliar o indivíduo ou o grupo a enfrentar situações críticas (OLIVEIRA, 1976, p. 18).

Com efeito, o processo de identificação emerge de três condições, a saber:

Primeira: existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus. É uma demanda que se estende em direção a um objeto externo [...].

[...] Segunda: o próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão. A fantasia do nativo é precisamente ocupar o lugar do senhor enquanto mantém seu lugar no rancor vingativo do escravo. [...]

[...] Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem (BAHBHA, 1998, p. 76).

Numa das visitas que fazia com o pai à cidade aos sábados, Christmas havia deparado uma garçonne trintona, de nome Bobbie. O encontro se dera em um restaurante de fachada, propriedade de um casal (Max e Mame) que lidava com prostituição e, ao que tudo indica, outras ilegalidades. Seis meses depois, Christmas retorna sozinho ao estabelecimento e pede uma torta de coco acompanhada de café. Atônito, descobre-se desprovido de dinheiro suficiente para pagá-los, recusando o café quando lhe é entregue. Sentindo-se na obrigação de reparar o erro, retorna depois ao estabelecimento para ressarcir-lo do prejuízo, sendo alvo da chacota dos presentes. Na volta, cruza com a garçonne, que, de pronto, confirma o motivo da visita dele à cidade e a reação consequente. Interessada pelo desajeitado camponês, marca com ele um encontro para dois dias depois, caracterizado pela relutância do garoto em anuir à afetividade da moça. Na outra semana, concretizam o ato sexual, atizando a generosidade do rapaz, que começa a roubar da mãe para presentear a amada. A primeira dádiva é patética: uma velha e suja caixa de bombons, enfeitada com adereços baratos.

Visitando-a duas noites por semana, trazendo-lhe sempre algum agrado, Christmas pensava que podia garantir o usufruto exclusivo do corpo e do coração de Bobbie. Sentia-se tão confiante que

um dia se aventura a relatar para ela as raízes de sua desdita: “Reparou na minha pele e no meu cabelo? [...] Nas minhas veias corre um pouco de sangue negro” (p. 140). A interlocutora não acredita. Uma noite, Bobbie tendo faltado ao encontro, o jovem se dirige ao restaurante, notando que a luz do quarto dela se encontrava acesa. Tenta se convencer da presença de Max ali, mas sabia, no fundo, que o visitante era outro.

Duas semanas depois, ela comparece à esquina onde tradicionalmente se encontravam. É recebida com pancadas. Diz-lhe que estava certa de que ele sabia que não era o único. A partir daí, Christmas torna-se frequentador assíduo do restaurante, onde pode ser encontrado com os donos, seus apaniguados e as novas garotas trazidas de Memphis (como Bobbie). Aprende a fumar e a beber. Tinha 18 anos. Quanto a Bobbie, se refere agora a ela como a “sua puta”.

Uma noite, o pai surpreende o filho saindo sorrateiramente de casa. Certo de que testemunhava o mal em plena ação, não duvida do destino do rebento, já que “os homens da sua espécie têm geralmente convicções tão firmes acerca da mecânica e do cenário do mal quanto as que nutrem acerca do bem [...] o fanatismo e a clarividência [sendo] quase que uma e a mesma coisa” (p. 143). Após uma noite de cavalgada, chega ao edifício escolar em que se dava o baile. Dirige-se ao casal dançante e interpela primeiramente a espécime do gênero feminino: “Fora, Jezabel” [...] “Fora, rameira” (p. 145). Quando se vira para “Satanás”, que se havia apossado do filho, recebe cadeirada mortal na cabeça. Não pode mais ouvi-lo: “Eu bem lhe disse que um dia o mataria! Eu bem lhe disse!” (p. 145).

Christmas retorna para casa, onde, aos olhos da mãe, furta-a. Chegando ao restaurante, descobre que todos estão preparados para a fuga. No quarto, o concorrente está sentado ao lado de Bobbie. Esta arremessa ao chão o dinheiro que Christmas lhes trouxera, com vistas ao casamento. Acrescenta: “Patife! Filho da puta! Meter-me em complicações depois que o tratei como se fosse branco! [...] Ele mesmo me disse que é negro. E eu recebendo de graça um negro sujo que iria meter-me em complicações com essa polícia de roceiros, num

baile de roceiros!” (p. 154-5). O ofendido pensa: “Por ela cheguei a assassinar. Por ela cheguei até a roubar” (p. 154). É, então, esmurrado pelo concorrente. No chão, atordoado, ouve vozes:

Ele devia evitar as prostitutas.
Mas não consegue. Nasceu muito perto de uma.
Será mesmo negro? Não parece.
[...] Esses roceiros bastardos podem ser tudo.
Vamos averiguar. Veremos se o sangue dele é negro (p. 155).

Recebe, ainda estendido no chão, outro golpe no rosto. O sangue escorre sobre os lábios.

As reflexões históricas de Weber sobre a “honra étnica” iluminam as razões de Christmas, filho adotivo de um pequeno proprietário, ser desclassificado por uma prostituta e seus agenciadores, ou seja, criminosos, sujeitos, portanto, socialmente inferiores a ele. Para o autor, “formas de vida cotidiana” como a “honra étnica” são uma das variáveis que compõem a “coletividade étnica”:

[...] a convicção da excelência dos próprios costumes e da inferioridade dos alheios, com a qual se alimenta a ‘honra étnica’ é absolutamente análoga aos conceitos de honra ‘estamentais’. A honra ‘étnica’ é a honra específica das massas por ser acessível a todos os que pertencem à comunidade de origem subjetivamente imaginada. Os poor white trash, os brancos pobres dos estados norte-americanos que, por falta de oportunidade de trabalho livre, levavam muitas vezes uma existência miserável, eram na época da escravidão os verdadeiros repositórios da antipatia racial, alheia aos próprios plantadores, justamente porque sua ‘honra’ social dependia do rebaixamento racial dos negros (1994, p. 272).

Durante os próximos treze anos, Christmas cruza os EUA, do sul (Oklahoma, Missouri, México) ao norte (até Chicago e Detroit), a pé, de trem, de caminhão ou de carona no carro de camponeses, transando com várias mulheres pelo caminho. Quando não tem dinheiro para lhes pagar, diz-se negro. A tática, todavia, somente funciona no sul: um dia, a vítima tem que recorrer ao préstimo da polícia para não ser agredida. O episódio, ao menos, fora pedagógico:

Depois disso adoeceu. Só então soube que há mulheres brancas

que aceitam um negro. A doença durou dois anos. Algumas vezes, recordava-se de como provocava brancos na rua, zombando deles até que o chamassem de negro, a fim de brigar com eles e espancá-los ou ser surrado; agora brigava com o negro que o chamasse de branco. Encontrava-se no norte, em Chicago e depois em Detroit. Vivia com os negros, evitando gente branca. Comia com os negros, dormia com eles, sempre belicoso, imprevisível e pouco comunicativo [...] procurando penetrar-se até a medula do cheiro dos negros, do escuro e inescrutável modo de pensar e de ser dos negros e procurando expelir a cada respiração o sangue branco e o modo de pensar dos brancos. Pensava que se tratava de fugir da solidão e não de si mesmo (p. 160-1).

Vê-se que, com os brancos, Christmas incita a estigmatização, isto é, descobre a “identidade latente” de negro. Já com os negros, não admite que aflore a “identidade latente” de branco. Para Oliveira, a “identidade latente” é aquela “que é apenas ‘renunciada’ como método e em atenção a uma práxis ditada pelas circunstâncias, mas que a qualquer momento pode ser atualizada, invocada” (1976, p. 12). A passagem também evoca a recorrência que os grupos étnicos fazem à sua tradição cultural em busca de “sinais diacríticos”, que os diferenciem ou os igualem a outros grupos, a depender de seus fins políticos no presente (CUNHA, 1987, p. 88). Hall (2006), analisando a modernidade tardia (2º pós-guerra), principalmente a sua acentuação com a globalização, fala em “pluralização” ou “hibridização” das identidades.

Christmas se fixa, enfim, em Jefferson, no Mississippi, onde se emprega numa serraria. Mora numa cabana situada atrás da propriedade da srta. Joana Burden, uma descendente de carpetbaggers (nortistas que se deslocaram para o sul após a guerra civil, no período da Reconstrução), unitários provenientes de New Hampshire. Muito querida pela vizinhança negra, em razão da assessoria prestada a uma dúzia de colégios para negros no sul, e da ação em prol deles dos antepassados (o avô e o irmão, ambos de nome Calvin, foram mortos a tiros pelo coronel confederado Sartoris, em contenda em torno do direito do negro ao voto [acusavam-lhes de incitar os negros ao assassinato e ao estupro]); Nataniel, o pai, obtive-

ra com o avô nomeação em Washington para auxiliar os negros libertos), ela não somente permite que Christmas se instale no local como se envolve sexualmente com o recém-chegado.

A relação dela e de seus parentes com a população negra era mais dúbia do que pode aparentar à primeira vista. Eles não pestanejaram em reconhecer que os negros são filhos de Cam. Certa vez, Joana narra a Christmas o que o pai lhe dissera numa visita ao cemitério onde estavam enterrados o avô e o irmão:

‘Lembre-se disso. Seu avô e seu irmão jazem aqui, assassinados não por um branco mas pela maldição que Deus lançou sobre toda uma raça antes que alguém sequer pensasse em seu avô, em mim ou em você. Sobre uma raça maldita e condenada para sempre a ser parte da condenação da raça branca e da maldição por seus pecados. Lembre-se. Sua condenação e sua maldição. Para sempre, eternamente. A minha, a de sua mãe, a sua, ainda que seja uma criança. A maldição de toda criança branca, nascida e por nascer. Ninguém escapará a ela’. Perguntei-lhe: ‘Nem mesmo eu?’ E ele me respondeu: ‘Não. Nem mesmo você. Vocês menos que ninguém’. Eu via negros e conhecia-os desde que tivera uso da razão. Olha-va para eles com a mesma indiferença com que olhava a chuva, os móveis da casa, a comida ou o sono. Mas desde então passei a vê-los pela primeira vez não como pessoas mas como uma coi-sa, uma sombra sob a qual eu vivia, sob a qual vivíamos nós, os brancos, e todos os outros. Pensei que as crianças brancas chegavam constantemente ao mundo sob a sombra negra que caía sobre elas antes que pudessem respirar pela primeira vez. E parecia-me ver a sombra negra na forma de uma cruz. E parecia-me que via as criancinhas brancas forcejando, antes ainda de respirar pela primeira vez, por escapar à sombra que não somente estava sobre elas mas também debaixo delas, estendendo-se, como elas estendiam os braços, tal como se os ti-vessem cravados na cruz. Vi as crianças brancas que nasceriam na terra, as que ainda não tinham nascido: uma longa fileira de-las com os braços estendidos em cruzeiras negras. Não poderia di-zer se via ou sonhava. Porém, aquilo me parecia terrível. À noite eu chorava. Finalmente contei a meu pai, tentei contar-lhe. O que eu queria dizer-lhe é que tinha de escapar, de fugir de sob a sombra, do contrário morreria. ‘Não pode’, disse ele. ‘Você tem de lutar, de se erguer. Mas para isso tem de erguer a sombra com você. Nunca poderá levantá-la ao seu nível. Vê agora o que ainda não tinha visto antes de vir para cá. Mas escapa-voce não

pode. A maldição da raça negra é a maldição de Deus. Mas a maldição da raça branca é que o negro será sempre o escolhido de Deus, porque uma vez o amaldiçoou'. (p. 179-80).

Após o turbilhão sexual experienciado pelos dois, vivido como a confirmação da condenação de ambos, Joana se apaixona por Christmas. Crê-se grávida, parece se querer casar. Quer expiar-se. Ele, todavia, reluta, levando-a à beira da loucura. Um dia, ressentida, diz-lhe: “Bom final. Até um negrinho bastardo! Gostaria de ver a cara de meu pai e de Calvin. Você tem agora uma boa ocasião para fugir, se é isso que deseja” (p. 188).

Por essa época, Christmas já estava comercializando clandestinamente uísque (era o período da Lei seca: 1920-1933), acondicionando-o nas matas do entorno. Era ajudado por um novo funcionário da serraria, Brown, que também morava com ele, gerando o temor da descoberta de sua associação com a dona da casa à frente. Isso, além de atrapalhar os negócios escusos, feriria a sua vaidade. Ninguém poderia saber que “ela não somente mudara completamente de vida, mas tratava também de mudar a vida dele, querendo transformá-lo num misto de ermitão e missionário de negros” (p. 192).

Uma noite, não obstante, Brown descobre que Christmas frequenta periodicamente a casa. Dentro dela, Joana procura envolver o amado no seu apostolado junto aos negros:

- Para um colégio? – disse a boca de Christmas.
- Sim – tornou a srta. Burden. – Em consideração por mim, você será aceito em qualquer um. Pode escolher o que preferir. Não teremos de pagar nada.
- Para um colégio? Um colégio de negros? Eu?
- Sim. Depois pode ir para Memphis estudar direito no escritório de Peeble. Peeble lhe ensinará as leis. Depois você poderá encarregar-se de todos esses casos jurídicos, fazer tudo o que Peeble faz.
- Depois aprender leis no escritório de um advogado negro?
- disse a boca de Christmas.
- Sim. Depois passarei para você todos os negócios, todo o dinheiro, todo. Assim, quando precisar de dinheiro para as suas despesas, poderia... saberia como obtê-lo... os advogados sabem fazer com que... Como os ajudaria então

a sair da obscuridade, ninguém poderia acusar nem censurar você, ainda que descobrissem..., ainda que você não o repusesse... mas poderia repô-lo, e então ninguém saberia...
– Mas um colégio de negros... um advogado negro [...].
– Você lhes dirá.
– Dizer aos negros que também sou negro?
[...]
– Sim. Terá de dizê-lo para que, em consideração a mim, não lhe cobrem nada (p. 196).

Ao diálogo seguem-se bofetadas mútuas. Antes de sair do quarto, Christmas ouve de Joana, jogada na cama, com o sangue escorrendo pela boca: “Seria talvez melhor que ambos tivéssemos morrido” (p. 197).

Sentindo-se “o servo involuntário da fatalidade”, Christmas, três meses depois, adentra o quarto da mulher, então já completamente desvairada, para pôr um ponto final na questão. Ela esconde um revólver embaixo do xale; ele tem uma navalha. Ambos sabem que só “resta fazer uma coisa” (p. 199).

O cadáver decepado da srta. Joana Burden e a mansão em chamas são descobertos na manhã seguinte, dia de sábado, por um camponês que se deslocava com a família para a cidade. Na noite de terça-feira, o assassino é visto vinte milhas adiante, numa reunião de renovação espiritual de uma paróquia negra, agredindo fisicamente os presentes e tomando o púlpito para amaldiçoar a todos e blasfemar. É confundido com o “Satanás”.

O xerife segue em seu encalço, auxiliado, contra a vontade, pelo prisioneiro Brown, ansioso pela captura do amigo, que, cria, garantir-lhe-ia a recompensa de mil dólares pelas informações prestadas, oferta do sobrinho de New Hampshire da vítima. Christmas se alimenta do que encontra pelo caminho: frutas podres e bichadas, espigas de milho duras. Dorme num feno, num fosso, embaixo de um telheiro abandonado. Perde completamente a noção de tempo.

Na sexta-feira, encontra-se em Mottstown. A rua descreve um círculo, do qual acredita nunca ter saído, por trinta anos: “Nunca saí do círculo, nunca rompi o anel do que já fiz e que não posso mais desfazer” (p. 239). Mais tarde, após fazer a barba e o cabelo e adqui-

rir roupas novas, é reconhecido vagueando para cima e para baixo pelas ruas lotadas. Detido pelos populares, a notícia logo se espalha pela cidade. É reportado como alguém “que não era um homem normal, que não era branco, [que] tinha qualquer coisa de estranho”, “negro-branco”, “assassino negro”, “moço [...] [com] tanto jeito de negro como eu” (p. 218, p. 243, p. 244). Os moradores se revoltam com o cinismo de Christmas, despreocupado com esconder as identidades de criminoso e negro:

Não negou. Não fez nada. Não procedeu como negro nem como branco. E foi isso que fez raiva a tanta gente: ele, um assassino, andar pela cidade passeando, muito elegante, como que desafiando a todos para que roçassem nele, quando devia estar escondido no mato, sujo e coberto de lama de tanto correr. Foi como se nem mesmo ele soubesse que era um assassino e muito menos um negro (p. 247).

Halliday, o descobridor de Christmas, já o tinha socado duas vezes (“o negro comportando-se pela primeira vez como um negro, agüentando-se sem dizer nada, sangrando em silêncio, com uma expressão sombria”, alguém relata [p. 247]), quando Eupheus, o avô, aparece, exigindo o linchamento. Após algumas bengaladas no neto, é imobilizado e levado para casa. A avó (viviam há trinta anos em Mottown) quer ver o neto a todo custo. Não encontra o xerife em sua casa, movendo-se então para a cadeia, quando vê Christmas sendo retirado às pressas de lá para ser levado a Jefferson, antes que a multidão que rodeia o prédio o invada para matar o acusado.

Christmas incomoda brancos e negros por pensar e agir como mestiço, não respeitando as “fronteiras” que os grupos étnicos constroem entre si. Segundo Barth:

Relações interétnicas estáveis pressupõem uma estruturação da interação [...]: um conjunto de prescrições dirigindo as situações de contato e que permitam a articulação em determinados setores ou campos de atividade, e um conjunto de proscricões sobre as situações sociais que impeçam a interação interétnica em outros setores, isolando assim as partes das culturas, protegendo-as de qualquer confronto ou modificação (1998, p. 197).

Christmas é um “desterritorializado”, um “híbrido” avant la lettre (CANCLINI, 1998), um “mestiço” (GRUZINSKI, 2001). Na sua “invisibilidade”, um “subversivo”:

Na extremidade, no intervalo entre o corpo negro e o corpo branco, há uma tensão de ser e sentido, ou alguns diriam, de demanda e desejo [...].

[...] É dessas tensões [...] que emerge uma estratégia de subversão. Ela é um modo de negação que busca não desvelar a completude do Homem, mas manipular a sua representação. É uma forma de poder que é exercida nos próprios limites da identidade e da autoridade, no espírito zombeteiro da máscara e da imagem (BAHBHA, 1998, p. 100-1).

Afirmo que a ‘mistura’, quando não colocada sob um prisma antinegro, como meio de embranquecer a população de cor, também pode ter um efeito positivo, ou até uma função subversiva, no que concerne à dominação racial. Especialmente entre os pobres, ela tem sido um modo de enfatizar o compartilhar de uma condição social comum e de neutralizar o racismo [...]. A mistura também pode afastar as afirmações perigosas de pureza racial e subverter os rígidos sistemas populares e oficiais de classificação racial e étnica (SANSONE, 2003, p. 286-7).

A personagem é, pois, vítima da colisão de dois “padrões culturais” (GEERTZ, 1989, p. 33). A ideia de uma “personalidade dividida” é criticada, no entanto, por Sansone, em sua positivação da mestiçagem (2003, p. 289-90).⁹

Os avós de Christmas deslocam-se para Jefferson, de trem, após longas horas de espera na estação. Lá, a Sra. Hines procura, mediante Byron Bunch, empregado da serraria onde trabalhara Christmas, o auxílio do velho pastor Hightower, que, décadas atrás, fora renegado pela comunidade, em razão da sua excentricidade no púlpito (onde se preocupava mais em louvar a morte do avô nas colunas do exército confederado do que a Deus) e o escândalo provocado pelo suicídio da esposa adúltera num hotel em Memphis. O reverendo é surpreendido por eles debruçado sobre a janela do gabinete, ouvindo, das imediações, o início do serviço religioso de domingo à noite:

E então, como se tivesse esperado que ele desse o sinal, a música principia. Os acordes do órgão ressoam harmoniosos e sonoros em meio à noite de verão, com um tom de humildade e subli-mação como se as próprias vozes tomassem as formas e atitu-des de crucifixão, extáticas, solenes, profundas, aumentando de volume. Mesmo então, contudo, a música tem ainda a mesma implacabilidade severa, deliberada e sem paixão, como se fosse uma imolação, pedindo, suplicando não amor nem vida, mas proibindo aos outros amor e vida, e como toda música protestante, pedindo a morte, como se a morte fosse uma dádiva. Era como se aqueles que a aceitavam e erguiam a voz para louvá-la sem cessar, depois que aquilo que a música louvava e simboli-zava fizera deles o que eram, quisessem, mediante aquele mesmo louvor, vingar-se daquilo que os tornara assim. Escutando-a, Hightower parece ouvir nos sons a apoteose de sua própria história, de sua terra, do seu próprio sangue, dessa gente da qual descende e entre a qual vive e que parece não suportar prazer ou catástrofe sem fazê-lo aos berros. E pensa: Nesse caso, por que sua religião não os levaria à crucifixão de si mesmos e dos outros? Parece-lhe ouvir na música a declaração e o propósito do que sabem que irão fazer amanhã. Parece-lhe que a semana passada correu rápida como uma torrente e a semana que começará no dia seguinte é o abismo, e que agora, à margem da catarata, a torrente lançou um grito único, harmonioso, sonoro e austero, não como uma justificativa, mas como a saudação do moribun-do antes do mergulho final, e não a algum deus, mas ao conde-nado à morte na cela de grades de onde pode ouvir os fiéis de sua igreja e os das duas outras e em cuja crucifixão eles também erguerão uma cruz. ‘E farão isso com alegria [...]’. Uma vez que ter dó dele seria reco-nhecer a própria dúvida, esperar é reclamar dó para si mesmos. Farão isso com alegria. Eis por que é tão terrível, terrível, terrí-vel’. (p. 258-9).

Pedem-lhe que seja o álibi de Christmas, afirmando à polícia que este se encontrava ali nas noites em que dissera Brown ter visto o mestiço adentrando a casa da srta. Burden.

Na manhã seguinte, antes do grande júri se reunir, a avó transmite as esperanças ao neto na cadeia. Logradas:

E Christmas acreditou nela. Penso que foi isso que lhe deu não tanto coragem como paciência passiva para suportar, reco-nhecer e utilizar a única oportunidade que se lhe apresentou de irromper, algemado, por entre o povo que enchia a praça e deitar a correr. Mas havia muita coisa a correr com ele,

acompanhando-o em cada passada. Não eram perseguidores; era ele mesmo: eram os anos, as ações omitidas e cometidas, seguindo-o passo a passo, fôlego a fôlego, pancada a pancada do coração. Não eram apenas aqueles trinta anos que a velha não conhecia, mas outros períodos anteriores de trinta anos, que haviam manchado seu sangue branco – ou seu sangue negro, como quiserem – e que o mataram. Durante certo tempo deve ter corrido com crença ou pelo menos com esperança. Mas seu sangue não o deixava em paz, não o deixava salvar-se. Seu sangue não se decidia a ser de uma cor ou de outra e a deixar que o corpo se salvasse a si mesmo. Porque o sangue negro o levou primeiro à cabana de um negro. E o sangue branco o tirou dali, como se fosse o sangue negro que tivesse sacado da pistola e o branco que não tivesse permitido que ele a disparasse. E foi o sangue branco que, erguendo-se nele pela última vez, contra toda razão e realidade, vítima de uma quimera, de uma fé cega em qualquer coisa lida na Bíblia, o impeliu a ir à casa do ministro. Depois creio que o sangue branco o abandonou durante um momento, um segundo, um abrir e fechar de olhos, permitindo que o sangue negro se levantasse no seu momento final e fizesse Christmas virar-se contra aquilo em que depositara sua esperança de salvação. Foi o sangue negro que por seu próprio desejo o transportou para além de qualquer ajuda humana, que o introduziu de roldão naquele êxtase, arrancando-o à selva preta onde a vida já cessou antes de o coração parar, e a morte é desejo e realização. Depois o sangue negro falhou de novo, como deve ter falhado em outras crises em toda a sua vida. Ele não matou o ministro. Deu-lhe apenas uma pancada com a pistola e correu a agachar-se atrás da mesa e a desafiar o sangue negro pela última vez, assim como o desafiara durante trinta anos. Agachou-se por trás da mesa derrubada e, tendo na mão a pistola carregada e não utilizada, deixou-se matar a tiros (p. 316).¹⁰

É assim que Gavin Stevens, o procurador do distrito formado em Harvard, narra o desfecho do caso ao professor daquela instituição, à noite, na estação de trem, após prometer ao casal de idosos que remeteria o corpo do neto à Mottstown na próxima manhã.

Poupara o ouvinte, porém, do ato sórdido que se seguira ao baleamento:

Mas o jogador ainda não terminara. Quando os outros chegaram à cozinha, viram que a mesa fora afastada e que Grimm se inclinava sobre o corpo de Christmas. Quando se aproximaram para ver o que ele estava fazendo, verificaram

que Christ-mas não morrera ainda. E quando viram o que Grimm fazia, um dos homens soltou um grito sufocado e, retrocedendo aos tropeções até a parede, começou a vomitar. Então Grimm ergueu-se, brandindo uma faca de carneiro toda ensangüentada. ‘Agora deixarás em paz as mulheres brancas, ainda que seja no inferno’, disse ele. O homem que jazia no chão não se mexera. Jazia ali com os olhos abertos e vazios de tudo, exceto de cons-ciência, e com uma coisa qualquer, uma sombra, em volta da boca. Durante um longo momento fitou-os com olhos pacíficos, insondáveis, insuportáveis. E logo o rosto, depois o corpo todo, o homem todo, pareceu desaprumar-se, cair sobre si mes-mo, e dos quadris e das coxas, através da roupa rasgada, como numa respiração livre, manou um sangue preto. Parecia brotar do seu corpo pálido como brotam chispas de um foguete que sobe aos ares; e sobre aquela lufada negra o homem pareceu elevar-se, pairando para todo o sempre dentro de suas memórias. Nunca, jamais lhes sairá do espírito a cena brutal, onde quer que presenciem velhos desastres e novas esperanças – em quaisquer vales amenos, ao lado de plácidas e tranqüilizadoras correntes da idade propecta, nos semblantes reluzentes das crianças. Lá estará ela, aquela recordação, serena, meditativa, persis-tente, não esmaecida nem ameaçadora, mas toda sossego, toda triunfo. E outra vez, lá da cidade, amortecido pelas paredes, o grito da sirene de rebato ascendia rumo ao seu crescendo inacreditável, saindo já do domínio dos sentidos corpóreos da audição (p. 326-7).

Percy Grimm, o capador, tinha cerca de vinte e cinco anos, era capitão da guarda nacional do Mississipi e sentia-se frustrado por não ser membro da Legião Americana. Na ocasião, formara um pelotão, composto por jovens que não haviam lutado em França, para manter a “ordem”. Faulkner o descreve com as seguintes palavras:

Tinha uma fé sublime e implícita na coragem física e na obediência cega, e uma crença de que a raça branca é superior a todas as outras e que o americano é superior a todos os outros brancos, que a farda americana é superior a todos os homens e que a única coisa que dele se exigiria em paga dessa crença, desse privilégio, seria a sua própria vida. Grimm crê que faz parte de um ‘povo eleito’. (p. 317).

O autor sugere, com essa personagem, a funcionalidade do racismo na legitimação dos propósitos imperialistas estadunidenses, mediante a autopercepção como “povo eleito”:

E por trás de todos os constrastes 'étnicos' está, de alguma forma e em plena correspondência com a natureza destes, a idéia do 'povo eleito', que nada mais é do que uma correspondência no plano horizontal das diferenças 'estamentais' e que deriva sua popularidade precisamente do fato de que, em oposição às últimas, baseadas sempre em subordinação, pode ser pretendida para si, de modo subjetivo e em grau igual, por cada membro de cada um dos grupos que mutuamente se desprezam. (WEBER, 1994, p. 272).

Na mesma manhã da morte brutal de Christmas, uma criança havia nascido na cabana de Christmas e Brown. Era o filho deste com Lena Grove, moça que se tinha largado a pé do Alabama atrás do homem que amava e que lhe havia prometido que mandaria buscá-la em breve.

Considerações finais

William Faulkner dedicou a vida a se curar e aos seus conterrâneos sulistas do trauma advindo com a guerra de Secessão. Negando-se ancorar na nostalgia, ciente da injustiça extrema em que se assentava a vida cavalheiresca do Old South, o escritor destrinchou, sem meias-medidas, as entranhas de uma sociedade desaparecida, mas que assombrava os herdeiros, especialmente com a escravidão. Em 1956, escreveu numa revista:

Se lhe tivéssemos dado [ao negro] a igualdade noventa, cinquenta ou dez anos mais cedo, não haveria intervenção da Corte Suprema em 1954. Mas não fizemos. Não ousamos. É a vergonha do homem branco do Sul ter negado qualquer igualdade econômica ao negro; vergonha em dobro por ter temido que concedendo-lhe igualdade social, melhoraria sua condição econômica real; vergonha tríplice ter sentido necessidade, para justificar suas posições, de obscurecer a questão recorrendo ao espantalho da mistura dos sangues (apud NATHAN, 1991, p. 146).¹¹

Faulkner morreu de um ataque cardíaco, em sua Oxford, no ano de 1962. Nascido oito anos após o assassinato do bisavô,

símbolo de um sul que agonizava, com sua elite WASP, viveu o suficiente para ver e ajudar os negros na luta por direitos iguais aos brancos. Ele sabia que a degenerescência do sul unicamente podia ser obstada por exercício destemido de autorreflexão, porquanto lembrar “nunca é um ato tranqüilo de introspecção ou retrospectão. É um doloroso re-lembrar, uma reagregação do passado desmembrado para compreender o trauma do presente”. Ou melhor, o “passado-presente” é “parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver” (BHABHA, 1998, p. 101, p. 127).

Notas

* Doutor em Sociologia (UFC) e professor de História da FECLSC/UECE.

¹ Caracterizado pela pequena propriedade, mão de obra livre e um setor secundário e terciário relativamente desenvolvido.

² Segundo Barth, “a persistência de sistemas poliétnicos estratificados implica a presença de fatores que geram e mantêm uma distribuição diferencial de recursos”, caso, entre outros, dos “controles estatais, como ocorrem em alguns sistemas modernos plurais e racistas” (1998, p. 214).

³ Para Semprini, as raízes disso são mais antigas: “O múltiplo desenraizamento (geográfico, cultural, étnico, familiar) imposto aos escravos pode ser tido como a origem do problema identitário que atormenta a minoria negra. Privados de qualquer forma de enraizamento tradicional ou de afinidade, os escravos e seus descendentes somente puderam encontrar no isolamento e separação da cultura branca dominante, os fragmentos de uma nova identidade a ser reconstruída ou a ser totalmente recriada” (1999, p. 16).

⁴ Conforme Semprini, o “fundamento do racismo antinegro nun-ca foi exclusivamente econômico ou de classe, mas também cultural. Isso é confirmado pela violência com que os partidários da supremacia branca e da segregação se batiam para privar os negros de dois direitos fundamentais que te-riam contribuído para superar sua marginalidade socioeconômica e sua sujeição política: o di-reito à educação e ao voto. Quando o movimento pelos direitos civis implodiu as bases legais do apartheid, a resistência e os atos de intimidação se dirigiram contra a inscrição dos negros para o exercício do direito de voto e contra a admissão de estudantes negros nas universidades reservadas aos brancos. O objetivo era clara-mente impedir o acesso dos negros à cidadania e à igualdade de direitos que, no entanto, é par-te integrante do sonho americano” (1999, p. 18-9).

⁵ Distinguindo o padrão de relações raciais no Brasil do presente nos EUA, Degler afirma que não houve no último a “saída de emergência” do mulato, negativa, para ele, por ter obstado a organização dos negros (1976, p. 234, p. 282). Sansone (2003) critica essa tradicional concepção, que vê a negritude somente pelo ângulo da etnicidade.

⁶ Para Oliveira, as identidades (essencialmente “contrastivas”, visto que implicam a “afirmação do nós diante dos outros”) tendem a se aguçar nas “situações de contato” caracterizadas como de “fricção interétnica”, quando se forja uma “identidade crítica, denunciadora, por sua própria alienação, das condições dramáticas em que se dá o contato interétnico”. Parece ser o caso dos EUA pós-guerra civil, onde a uma “estrutura de estratificação” em ruínas se acopla “estrutura de classes” emergente (1976, p. 5, p. 49, p. 15). Castro, por sua vez, critica essa abordagem contatualista, alegando que “não existe esse objeto chamado ‘contato interétnico’ [...] porque não há outro modo de contar a

história senão do ponto de vista de uma das partes. [...] não há ‘situação histórica’ fora da atividade situante dos agentes” (1999, p. 119). Bhabha concordaria com ele, posto que substitui a dialética por uma “lógica do suplemento [...] [que], em sua repetição e duplicação [...] apaga qualquer reivindicação essencialista de uma autenticidade ou pureza inerente de culturas [...]” (1998, p. 94-5).

⁷ Segundo Semprini, durante “muito tempo, por exemplo, os tribunais do país aplicaram a regra denominada da ‘gota de sangue’ (one drop rule), segundo a qual o simples fato de ter um único bisavô negro (e às vezes um único tetravô) bastava para classificar um indivíduo como pertencente à ‘raça’ negra” (1999, p. 17).

⁸ Semprini, salientando o “papel central da religião na vida particular e po-lítica dos americanos”, acentua que o fato decorre das “condições históricas da colonização do país. Ao longo dos séculos XVIII e XIX diversos grupos, fugindo das perseguições religiosas ou políticas, reunidos em torno de uma crença ou projeto comuns, abandonavam a Europa para fundar co-munidades mais ou menos isoladas e autárquicas. A maioria desses grupos professava alguma subdivisão do cristianismo, elaborada a partir de um fundo comum de tipo protestante” (1999, p. 18-9). Para Weber, uma “crença religiosa comum” e a “comunidade lingüística” são os principais elementos de distinção étnica (1994, p. 271).

⁹ Canclini usa esses conceitos se referindo a fenômenos situados no Terceiro Mundo, particularmente na América Latina, a partir do 2º pós-guerra. Gruzinski fala da América portuguesa e da hispânica, no período imediato à conquista do Novo Mundo. Bhabha dialoga com Fanon, com base nos trabalhos do último sobre ser argelino sob a colonização francesa. Sansone se refere às especificidades das relações raciais na América Latina, especialmente no Brasil, em relação à América anglo-saxã, principalmente os EUA. Já Geertz descreve o processo de hominização.

¹⁰ Creio que Christmas sofria parcialmente, sem conseguir resolvê-la, da síndrome da “viagem da volta”, metáfora usada por João Pacheco de Oliveira para descrever aqueles que viveram a experiência da diáspora: “A etnicidade supõe necessariamente uma trajetória (que é histórica e determinada por múltiplos fatores) e uma origem (que é uma experiência primária, individual, mas que também está traduzida em saberes e narrativas aos quais vem se acoplar). O que seria próprio das identidades étnicas é que nelas a atualização histórica não anula o sentimento de referência à origem, mas até mesmo o reforça. É da resolução simbólica e coletiva dessa contradição que decorre a força política e emocional da etnicidade. Na imagem da ‘viagem da volta’ há dois aspectos que explicitam, respectivamente, a relação entre etnicidade e território e entre etnicidade e características físicas dos indivíduos [...]”. Quanto à primeira, refere-se a “uma poderosa conexão entre o sentimento de pertencimento étnico e um lugar de origem específico [território], onde o indivíduo e seus componentes mágicos se unem e identificam com a própria terra, passando a integrar um destino comum”. Quanto a segunda, trata-se “de algo muito mais forte do que uma lealdade, a qual remeteria a fenômenos socioculturais e a contextos e oportunidades de atualização histórica (ou não). Inscrita em seu próprio corpo e sempre presente [...], a relação com a coletividade de origem remete ao domínio da fatalidade, do irrevogável, que estabelece o norte e os parâmetros de uma trajetória social concreta. Enquanto o percurso dos antropólogos foi o de desmistificar a noção de ‘raça’ e desconstruir a de ‘etnia’, os membros de um grupo étnico encaminham-se, freqüentemente, na direção oposta, reafirmando a sua unidade e situando as conexões com a origem em planos que não podem ser atravessados e arbitrados pelos de fora” (1999, p. 30-1).

¹¹ “Nos Estados Unidos, já a partir de W. B. Du Bois, e sendo fortemente enfatizados pelo livro O Dilema Norte-americano, de Gunnar Myrdal, na década de 1940, a identidade negra e o ‘problema racial’, em termos mais gerais, foram vistos como uma questão política central, se bem que amiúde execrável, e como o problema chave do futuro do país” (SANSONE, 2003, p. 26).

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARTH, Fredrich. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: USP, 1998.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. Etnologia brasileira. In: MICELI, Sergio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré, 1999.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEGLER, Carl N. **Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos EUA**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

FAULKNER, William. **Luz em agosto**. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.]

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 13. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNQUEIRA, Mary A. **Estados Unidos**: a consolidação da nação. São Paulo: Contexto, 2001.

NATHAN, Monique. **Faulkner**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem da volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: UFBA, 2003.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília, DF: UNB, 1994.

Abstract

This paper argues on racial relations manifested as a narrative in William Faulkner's romance *Light in August* (1932). With an interdisciplinary confrontation of Literature, Cultural Anthropology and History, the study searches to individuate such relations as they were experienced in the United States, so that it can denaturalize them, providing the possibility for other experiences.

Keywords: Racial relations. Slavery. Miscegenation. North American literature. North American History.